



Estudo da frequência de dispensação de medicamentos fitoterápicos em farmácia magistral

Study of the frequency of dispensing of herbal medicines in magisterial pharmacy

Taila C. Franco, Mateus A. Baldo*

Instituto de Ciências da Saúde, Faculdade de Farmácia, Universidade Paulista, São José do Rio Pardo, Brasil.

RESUMO

Introdução: Desde os primórdios o homem sempre buscou nas plantas o alívio para as suas enfermidades, principalmente em medicamento fitoterápico. Erroneamente, ao falar de fitoterápicos, passa-se a imagem de que é um “produto natural” e que não faz mal, mas as plantas podem apresentar efeitos adversos, toxicidade e interagir com outros medicamentos. **Objetivo:** O presente trabalho teve como objetivo realizar o levantamento da frequência da dispensação de fitoterápicos, trazendo informações sobre a população usuária e automedicação. **Métodos:** Foram coletados dados dos arquivos de dispensação em uma farmácia magistral na cidade de Monte Santo de Minas – MG, no período de um ano, os quais foram analisados e colocados em forma de resultados. **Resultados:** Os resultados demonstraram que fitoterápicos representam 27,71% de todas as dispensações. Porém somente 15,6% do total eram prescritos por profissionais da saúde. Observou-se também que mulheres entre 30 e 50 anos são as principais consumidoras, tendo um maior destaque para a faixa etária de 31 a 40 anos. Dentre as cinco plantas mais dispensadas, em ordem decrescente, estão o *Ginkgo biloba*, o Maracujá, o Hipérico, a Valeriana e a Melissa, e, com exceção do *Ginkgo biloba*, as demais plantas apresentam uma indicação terapêutica comum, o tratamento da ansiedade. **Conclusão:** O Brasil é um país muito rico em biodiversidade e conhecimentos regionais, mas necessita de educação básica e orientações de profissionais da saúde para o manejo de medicamentos, pois ainda ocorrem muitos casos de intoxicação e uso sem nenhuma orientação.

Palavras-chave: Fitoterápicos, plantas medicinais, ervas medicinais, automedicação.

ABSTRACT

Introduction: From the earliest times, man has always sought relief from his illnesses in plants, especially since the herbal medicine is easily accessible and of common use. Erroneously, phytotherapies have image of a "natural product" passed and it does not cause any harm. Plants can present molecules that causes adverse effects, toxicity and interact with other medicines. **Objective:** The objective of this study was evaluate the dispensing of phytotherapies frequency, providing information on the population and self-medication. **Methods:** Data were collected from the dispensing files at a compounding pharmacy in Monte Santo de Minas, MG, during a period of one year, which were analyzed and placed in the form of results. **Results:** Results showed that these represent 27.71% of all dispensations; however, health professionals prescribed only 15.6%. It was also observed that women between the ages of 30 and 50 are the main consumers, with a greater emphasis on the age group from 31 to 40 years. Among the five, most neglected plants, in descending order, are *Ginkgo biloba*, passion fruit, hyperic, valerian and Melissa. Exception *Ginkgo biloba*, the other plants present a common therapeutic indication, the treatment of anxiety. **Conclusion:** Brazil is a country rich in biodiversity and regional knowledge, but it requires basic education and guidance from health professionals for the management of medicines, as there are still many cases of intoxication and use without guidance.

Keywords: Phytotherapies, medicinal plants, healing herbs, self-medication.

*Autor correspondente (corresponding author): Mateus A. Baldo
Instituto de Ciências da Saúde, Faculdade de Farmácia, Universidade Paulista.
Rua Santa Terezinha, 160, Centro, São José do Rio Pardo, São Paulo, Brasil.
CEP 13720-000
E-mail: mateuseus@yahoo.com.br
Recebido (received): 15/03/2019 / Aceito (accepted): 09/05/2019

1. INTRODUÇÃO

Para o alívio de suas enfermidades, o homem sempre fez uso de produtos naturais de origem vegetal, animal e mineral devido às propriedades farmacológicas exercidas por moléculas oriundas de seus metabolismos. Estes conhecimentos foram transmitidos de descendente para descendente até os dias atuais (Mengue; Mentz; Schenkel, 2001; Pimenta; Baldo, 2017).

Após o início da escrita, os registros mostram que na China há 3000 anos a.C., já havia indicações terapêuticas e relatos toxicológicos. Algumas prescrições foram registradas em famosos documentos como Papiro de Ebers no Egito, nas escrituras de Dioscórides (Grécia) e de Galeno (Roma). Descrições também foram encontradas nas ruínas do Irã, demonstrando o manejo de plantas medicinais (Rezende; Cocco, 2002; Firmo *et al.*, 2011).

O Brasil é considerado o maior potencial em biodiversidade com 55.000 plantas catalogadas, também apresenta grande diversidade cultural e étnica, retendo valiosos conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais. Com todo esse patrimônio, o país demonstra uma vasta capacidade para o desenvolvimento de novas terapias a partir dos fitoterápicos e dos fitofármacos (Simões, 2007; Firmo *et al.*, 2011).

Por outro lado, a falta de recursos financeiros, a dificuldade de acesso a serviços médicos e a popularização de práticas culturais e religiosas, são fatores que contribuem para a automedicação em relação a fitoterápicos e plantas medicinais, atualmente uma grande quantidade de pessoas no mundo fazem uso de fitoterápicos (Ribeiro; Leite; Dantas-Barros, 2005; Firmo *et al.*, 2011; Correia; Soares; Muccillo-Baisch, 2018).

A venda da maioria dos insumos de origem vegetal é livre e de fácil acesso, podendo ser encontrados em diversos locais como drogarias, farmácias e também em mercados e feiras, o que demanda a necessidade de uma vigilância rigorosa, programas educacionais e orientação farmacêutica para a utilização consciente, segura e eficaz destes insumos (Rates, 2001; Heckler *et al.*, 2005).

Erroneamente, ao falar de plantas medicinais e fitoterápicos, são criados conceitos de inocuidade por serem produtos “naturais”, portanto, seguros e saudáveis. Porém, as plantas podem apresentar toxicidade, reações adversas e até mesmo interagir com medicamentos alopáticos, potencializando ou reduzindo seus efeitos (Mengue; Mentz; Schenkel, 2001; Brasil, 2011; Nicoletti *et al.*, 2015).

Para preservação dos constituintes químicos e farmacológicos das plantas, bem como a reprodutibilidade de seus efeitos terapêuticos, é preciso observar procedimentos padronizados de manejo, desde local e coleta, até os métodos de extração, secagem e armazenamento, evitando efeitos diferentes dos desejáveis (Mengue; Mentz; Schenkel, 2001; Toledo *et al.*, 2003).

Para prevenir contaminações, perda dos efeitos terapêuticos, problemas na identificação botânica ou até mesmo adulterações dos fitoterápicos, é importante que se tenha conhecimento sobre as matérias-primas que são utilizadas para a preparação do medicamento, seguindo as regulamentações vigentes (Toledo *et al.*, 2003).

De acordo com a RDC 48/2004, o medicamento fitoterápico é produto exclusivamente de origem vegetal, é livre de contaminação e de corpos estranhos e tem seus efeitos conhecidos, o que diferencia da planta medicinal, que é utilizada em sua forma íntegra, como folhas, caules, raízes, normalmente em forma de chás e infusões, empregada para fins terapêuticos. Os fitofármacos são as substâncias ativas isoladas a partir de uma planta, com ação terapêutica comprovada por estudos de eficácia (Brasil, 2004).

Observando os dados de biodiversidade, de diferenças culturais e étnicas, podemos colocar o Brasil como um país extremamente importante na área da saúde para tratamentos com plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos. O objetivo deste trabalho foi coletar dados sobre fitoterápicos e da população que faz uso destes em uma farmácia magistral e demonstrar que a educação básica da população e orientações de profissionais competentes da área da saúde se faz necessária a fim de evitar automedicação e aprimorar os tratamentos para que não ocorram intoxicações.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho realizou a análise de arquivos de medicamentos dispensados em uma farmácia magistral durante o período de um ano na cidade de Monte Santo de Minas – MG. No total foram analisados 6.871 arquivos com dados sobre os medicamentos dispensados e também dados dos pacientes consumidores. Após uma minuciosa análise, estes foram avaliados, armazenados e colocados em forma de resultados utilizando análise percentual.

Também foi feita pesquisa em bases de dados tais como Scielo, PubMed, Google Scholar e análise em literatura especializada para elaboração da ficha técnica dos 23 fitoterápicos citados no estudo com nomenclatura botânica oficial. Todos os dados mantêm a confidencialidade da farmácia e dos usuários.

3. RESULTADOS

A avaliação dos arquivos de dispensação de medicamentos na farmácia magistral apresentou 1.904 dispensações que continham o registro de fitoterápicos, associados ou não a outros fitoterápicos ou a medicamentos sintéticos, resultando em 27,71% de toda produção (Fig. 1). De toda a dispensação de fitoterápicos, somente 15,6% foi com indicação médica ou de outros profissionais da área da saúde. Os demais 84,4% foram através da automedicação (Fig. 2).

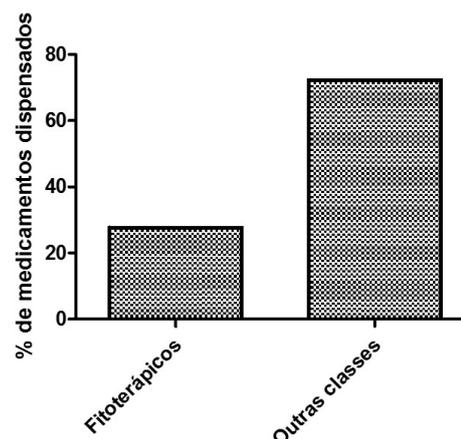


Figura 1. Porcentagem da dispensação de drogas fitoterápicas comparada a drogas sintéticas e outras classes. 1.904 arquivos continham o registro de fitoterápicos em cápsulas, associados ou não a outros fitoterápicos e/ou a medicamentos sintéticos dos 6.871 arquivos totais.

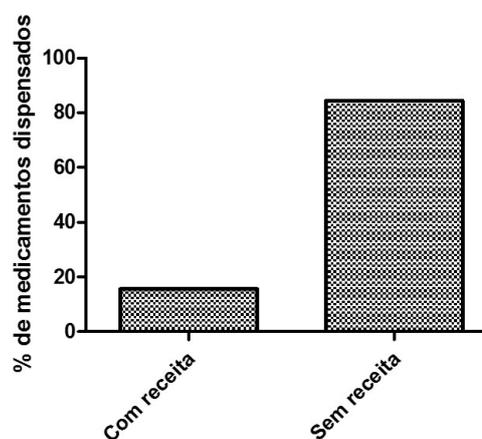


Figura 2. Porcentagem de medicamentos fitoterápicos dispensados com prescrição e sem prescrição. 15,6% foi com indicação médica ou de outros profissionais da área da saúde, os demais 84,4% foram através da automedicação.

Dentre os consumidores, houve a participação de ambos os sexos, diferentes níveis sociais, econômicos e culturais, com idade entre 20 a 75 anos, cuja variabilidade está demonstrada na Figura 4. De acordo com os resultados obtidos, o público que faz uso dos medicamentos fitoterápicos é na sua maioria formado por mulheres (Fig. 3), principalmente entre 30 e 50 anos. A faixa etária que mais demonstrou interesse pelo consumo de fórmulas fitoterápicas foi de 31 a 40 anos (Fig. 4).

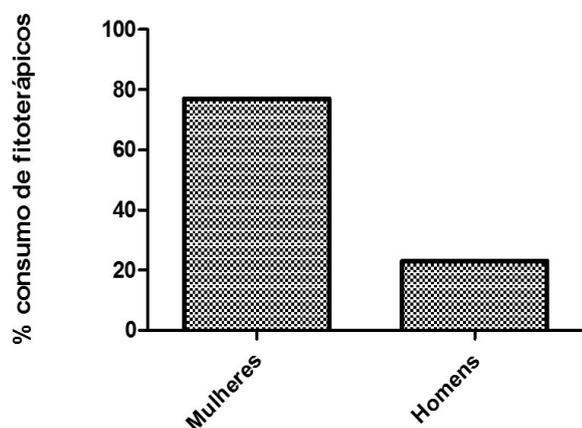


Figura 3. Diferença dos sexos na utilização de fitoterápicos. As mulheres apresentaram uma porcentagem de 77% no consumo de medicamentos fitoterápicos, enquanto os homens apareceram em 23% das formulações.

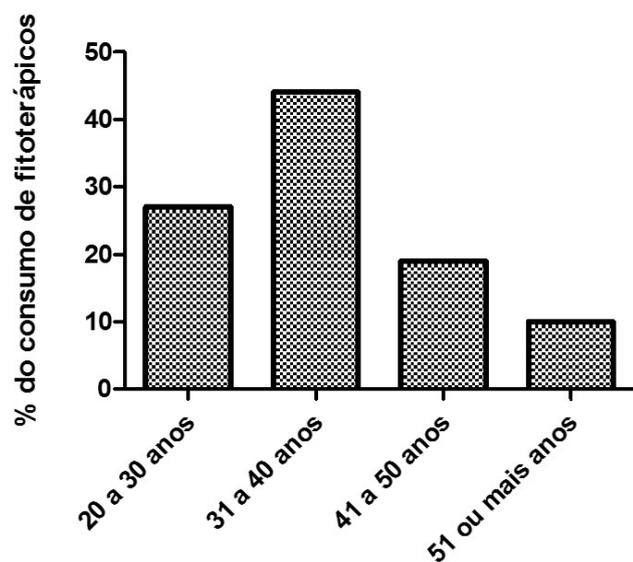


Figura 4. Porcentagem no consumo de fitoterápicos de acordo com a idade. O maior número de pacientes que consome fitoterápicos encontra-se em idades entre 31 a 40 anos.

Durante o estudo observou-se um total de 23 fitoterápicos diferentes, preparados a partir de diferentes formas farmacêuticas, tais como pós e extratos secos. As plantas com maior frequência na dispensação foram: *Ginkgo biloba* (23,81%), Maracujá (11,39%), Hipérico (10,34%), Valeriana (8,98%) e Melissa (8,46%) entre outras drogas vegetais demonstradas na Tabela 1.

Como os resultados demonstram, um grande número de medicamentos fitoterápicos foi dispensado e a maior parte sem prescrição ou indicações de profissionais da área da saúde, demonstrando a necessidade de uma atenção especial nessa prática de terapia.

Tabela 1. Plantas medicinais em ordem decrescente de dispensação de acordo com a frequência de saída registrada nos arquivos da farmácia magistral.

Nome Popular	Nome Botânico	Percentual
Ginco biloba	<i>Ginkgo biloba L.</i>	23,81%
Maracujá	<i>Passiflora incarnata L.</i>	11,39%
Hipérico	<i>Hypericum perforatum L.</i>	10,34%
Valeriana	<i>Valeriana officinalis L.</i>	8,98%
Melissa	<i>Melissa officinalis L.</i>	8,46%
Senne	<i>Senna alexandrina</i>	7,98%
Cáscara sagrada	<i>Rhamnus purshiana</i>	7,60%
Carqueja	<i>Baccharis ssp.</i>	4,10%
Isoflavona de soja	<i>Glycine max</i>	3,27%
Alcachofra	<i>Cynara scolymus L.</i>	2,78%
Castanha da Índia	<i>Aesculus hippocastanum L.</i>	2,63%
Ginseng	<i>Panax ginseng</i>	1,94%
Abre-os-olhos	<i>Tribullus terrestris</i>	1,94%
Cavalinha	<i>Equisetum arvense L.</i>	1,47%
Fucus	<i>Fucus vesiculosus</i>	1,10%
Capsiate	<i>Capsicum annum</i>	0,68%
Guaraná	<i>Paullinia cupana</i>	0,63%
Kava-kava	<i>Piper methysticum</i>	0,21%
Psyllium	<i>Plantago ovata</i>	0,21%
Espinheira santa	<i>Maytenus ilicifolia</i>	0,16%
Boldo-do-Chile	<i>Peumus boldus</i>	0,16%
Centela	<i>Centella asiática</i>	0,11%
Unha de gato	<i>Uncaria tomentosa</i>	0,05%

4. DISCUSSÃO

Nos dias atuais as buscas por novas terapias avançam significativamente entre a população, sendo que a fitoterapia traz resultados e é acessível à população apresentando baixo custo. Os resultados demonstraram que mais de um quarto, ou seja, 27,71% das dispensações são de fitoterápicos, o que traz um novo conceito de terapia pelos pacientes.

O crescente interesse por fitoterápicos movimenta a indústria farmacêutica e também o corpo clínico, que cada vez mais aumenta o interesse por este tipo de prescrição. A alta valorização deste tipo de medicamento é vista pela OMS como positiva e deve ser investido nesse tipo de terapia. (Fiut *et al.*, 2018).

O consumo de fitoterápicos pela população brasileira deve ser cada vez mais incentivado, visto que a nossa flora é muito rica e oferece um arsenal terapêutico a favor de nossa população (Pimenta; Baldo, 2017). Porém ao mesmo tempo que deve ser incentivado, deve também ser orientado, pois existe muita falta de conhecimento por parte da população em relação às moléculas e poder farmacológico e toxicológico de plantas, visto que a maioria das dispensações foram realizadas sem prescrições.

O território brasileiro apresenta uma enorme extensão juntamente com uma enorme diversidade cultural, o que nos trazem traços etnofarmacológicos riquíssimos. Apoiada na imensa variedade de sua fauna e flora, os povos utilizam de moléculas que muitas vezes ainda não foram exploradas por pesquisadores (Benini *et al.*, 2011; Oliveira, 2017).

Um dos grandes problemas encontrados foi a falta de prescrições para produtos fitoterápicos, o que pode levar a interações medicamentosas e intoxicações. Juntamente com o crescimento do uso, a falta de informação pode trazer problemas. Foi demonstrado que apenas 15,6% das dispensações havia sido orientada por algum profissional da saúde. Esses dados nos levam a um dos maiores erros da população, a automedicação.

Os fitoterápicos devem apresentar segurança e eficácia comprovadas, sendo, portanto, medicamentos regulamentados, assim devem apresentar um uso racional com acompanhamento de profissionais da área da saúde. O uso de forma indiscriminada e abusiva acarreta problemas de saúde como hipersensibilidade, dessa maneira é muito importante a orientação e prescrição de fitoterápicos por um profissional que tenha conhecimento (Rates, 2001; Marques *et al.*, 2019).

O predomínio feminino sugere uma maior receptividade dos medicamentos naturais e maior interesse pela saúde da mulher (Pinheiro *et al.*, 2002). Existem dados que confirmam que as mulheres se preocupam mais com cuidados de saúde que os homens (Moraes *et al.*, 2019). Corroborando, foram encontrados resultados semelhantes na literatura, sendo 25,2 % para o público masculino e 74,8 % para o público feminino (Ribeiro *et al.*, 2005).

Dentre os cinco fitoterápicos mais vendidos estão o *Ginkgo biloba* (23,81%), o Maracujá (11,39%), o Hipérico (10,34%), a Valeriana (8,98%) e a Melissa (8,46%).

Nota-se que, com exceção do *Ginkgo biloba*, os quatro produtos subsequentes têm uma indicação comum, relacionada aos sintomas de ansiedade. A análise de Vieira *et al.* (2010), dispõe de fórmulas dispensadas que são de uso calmante, diurético e hepatoprotetor, sendo que o *Ginkgo biloba*, também aparece entre os mais solicitados.

Vale ressaltar que os medicamentos fitoterápicos apresentam moléculas que são capazes de ligar em receptores como medicamentos sintéticos, desencadeando mecanismos celulares que podem levar a intoxicações (Lombardo, 2018). Devido a este e outros motivos observados na terapia com medicamentos fitoterápicos, é essencial o acompanhamento profissional.

Por fim, ressalta-se que plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos fazem parte da terapia de mais de 25% das pessoas e são muito importantes para a inclusão de pacientes em diversos tratamentos que estes não conseguem cumprir por falta de recursos ou acompanhamento médico. Contudo o conhecimento deverá caminhar lado a lado à terapia a fim de evitar problemas mais graves e intoxicações.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho demonstrou que os fitoterápicos podem ser medicamentos de grande valia para a população devido ao baixo custo e acesso. Porém não são levados com as devidas precauções por serem considerados “naturais”. Não existe um controle nas dispensações e muito menos auxílio nas escolhas por profissionais da área da saúde, o que pode levar muitas a intoxicações devido a automedicação e interações medicamentosas. Pessoas adultas que se encontram na faixa de maior conhecimento e experiência de vida, são as que mais consomem fitoterápicos, o que leva a concluir que a falta de informação é um grande problema.

Os dados demonstraram que a população busca medicamentos fitoterápicos de forma irrestrita, sem conhecimento e sem indicação por profissionais de saúde ou com conhecimento sobre a fitoterapia. Isso é de extrema importância pois são dados reais e que devem ser trabalhados para uma melhoria no sistema de saúde.

Por fim conclui-se que os medicamentos fitoterápicos deveriam ser reconhecidos pela população como uma classe terapêutica que implica problemas toxicológicos e efeitos colaterais, que também restringem seu uso. Estes deveriam

ser prescritos por profissionais da área da saúde com estudos e especializações na área da fitoterapia.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não existe qualquer conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

- Benini, E. B., Sartori, M. A. B., Busch, G. C., Rempel, C., Schultz, G., Strohschoen, A. A. G. Valorização da flora nativa quanto ao potencial fitoterápico. *Revista destaques acadêmicos*, 2(3), 2011.
- Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) nº 48, de 16 de março de 2004.
- Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira. 1ª ed. Brasília, DF: Anvisa, 126 p., 2011.
- Correa, N., Soares, M. C. F., Muccillo-Baisch, A. L. Conhecimento do tema plantas medicinais e fitoterápicos como instrumento tecnológico na formação dos acadêmicos de enfermagem. *VITTALLE-Revista de Ciências da Saúde*, 30(2), 38-46, 2018.
- Firno, W. C. A.; Menezes, V. J. M.; Passos, C. E. C.; Dias, C. N.; Alves, L. P. L.; Dias, I. C. L.; Santos Neto, M.; Olea, R. S. G. Contexto histórico, uso popular e concepção científica. Sobre plantas medicinais. *Caderno de Pesquisa, São Luís*, v. 18, n. edição especial, p. 90-95, dez. 2011.
- Fiut, M. A., Deutsch, G., Arruda, L., Marques, D., Leda, P. H., Botsaris, A., & Seixlack, A. C. A prática clínica em fitoterapia magistral: uma experiência interprofissional da Associação Brasileira de Fitoterapia. *VITTALLE-Revista de Ciências da Saúde*, 30(1), 152-158, 2018.
- Heckler, A. P.; Andreazza Dall'agnol, R. S.; Heineck, I.; Rates, S. M. K. Estudo Exploratório sobre a Dispensação de Fitoterápicos e Plantas Medicinais em Porto Alegre/RS, *Acta farmacêutica bonaerense*, v. 24 n. 2, p. 277-283, 2005.
- Lombardo, M. Potencial adverso de medicamentos fitoterápicos: um estudo com foco em medicamentos de registro simplificado. *Revista Ciência e Saúde On-line*, 3(1), 2018.
- Marques, P. A., Simão, T. A., Moriya, M. M., Dias, G., de Souza Antunes, V. M., Oliveira, C. R. Prescrição farmacêutica de medicamentos fitoterápicos. *Brazilian Journal of Natural Sciences*, 2(1), 15-15, 2019.
- Mengue, S. S.; Mentz, L. A.; Schenkel, E. P. Uso de plantas medicinais na gravidez. *Revista Brasileira de Farmacognosia*. v. 11, p. 21-35, 2001.
- Moraes, M. B., Marques, M. S., Soares, É. C. S., & Damascena, R. S. Perfil da Prescrição de Fitoterápicos em uma Farmácia de Manipulação de Vitória da Conquista-BA entre 2014 a 2018. *Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 13(43), 76-86, 2019.
- Nicoletti, M. A.; Ito, R. K.; Fukushima A. R.; Leandro, A. C. Farmacovigilância de drogas vegetais e derivados: uma ação necessária e já iniciada para a segurança do paciente, no contexto do uso racional de medicamentos. *Revista Visa em Debate*, v. 3, n. 2, p. 136-143, 2015.
- Oliveira, A. C. F. Evidências científicas da implantação da política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos na atenção primária à saúde nos últimos 10 anos: uma revisão sistemática, UFS, monografia, 2017.
- Pinheiro, R. S.; Viacava, F.; Travassos, C.; Brito, A. S. Gênero, morbidade, acesso e utilização de serviços de saúde no Brasil. *Ciênc. Saúde Coletiva*, v. 7, n. 4, 2002.
- Pimenta A. F. A.; Baldo M. A. Análise etnobotânica de plantas tóxicas utilizadas na ornamentação urbana. *Journal*

- of Health and Diversity, v.1, p.44-49, 2017.
- Rates, S. M. K. Promoção do uso racional de fitoterápicos: uma abordagem no ensino de Farmacognosia. Revista Brasileira de Farmacognosia. Maringá, v. 11, n. 2, p. 57-69, 2001.
- Rezende, H. A; Cocco, M. I. M. A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural. Revista Escola Enfermagem USP, v. 36, n. 3, p. 282-288, 2002.
- Ribeiro, A. Q; Leite, J. P. V; Dantas-Barros, A. M. Perfil de utilização de fitoterápicos em farmácias comunitárias de Belo Horizonte sob a influência da legislação nacional. Revista Brasileira de Farmacognosia, v. 15, n. 1, p. 65-70, Jan./Mar. 2005.
- Simões, C. M. O; Schenkel, E. P; Grosmann, G; De Mello, J. C. P; Mentez, L. A; Ros Petrovick, P. Farmacognosia: da planta ao medicamento. 6ª ed. Porto Alegre, Editora UFRGS; 2007.
- Toledo, A. C. O. Hirata, L. L., Buffon, M. C. M, Miguel, M, D. Miguel, O. G. Fitoterápicos: uma abordagem farmacotécnica, Revista Lecta, Bragança Paulista, vl. 21, n. 1/2, p. 7-13, jan./dez., 2003.
- Vieira, S. C. H; Sólón S; Vieira M. C; Zárate N. A. H. Levantamento de fitoterápicos manipulados em farmácias magistrais de Dourado- MS. Rev. Bras. Farmacognosia, v. 20(1), jan./mar. 2010.